LEDOC em Ação

3ª Edição
SÁBADO, 03 DE MARÇO, DE 2012

Entrevista com o Reitor

(Página 3)

Finalmente!

Somos o Campo em Movimento!

(Página 7)

PSS

Uma conquista para todos nós

(Página 11)

Todos por Pinheirinho

Manifesto pelas vítimas

(Página 9)

Poesia

O POETA DA ROÇA

Sou fio das mata, cantô da mão grosa
Trabaio na roça, de inverno e de estio
A minha chupana é tapada de barro
Só fumo cigarro de paia de mio.
Sou poeta das brenha, não faço o papé
De argum menestrê, ou errante cantô
Que veve vagando, com sua viola,
Cantando, pachola, à percura de amô.
Não tenho sabença, pois nunca estudei,
Apenas eu seio o meu nome assiná.
Meu pai, coitadinho! vivia sem cobre,
E o fio do pobre não pode estudá.
Meu verso rastero, singelo e sem graça,
Não entra na praça, no rico salão,
Meu verso só entra no campo da roça e
/dos eito
E às vezes, recordando feliz mocidade,
Canto uma sodade que mora em meu

(Patativa do Assaré)

Variedades

Receita de logurte Griego

INGREDIENTES

1 L de leite
1 copo de iogurte natural
1 caixa de creme de leite
5 colheres de açúcar
Frutas à gosto

MODO DE PREPARO

Ferva o leite, e deixe baixar a temperatura até ficar morno. Após isso, miste o iogurte natural e o creme de leite, mexendo bem. Deixe fermentar por 6 a 7 horas em dias quentes, ou 24 horas em dias frios. Depois acrescente o açúcar e as frutas a gosto. Deixar na geladeira, e consumir de preferência em até 7 dias.

Entrevista

No dia 24/02, o recém possado reitor Aldo Bona, nos recebeu, para que o entrevistássemos.

O reitor declarou inicialmente:

Aldo: *Quando veio a proposta de Licenciatura em Educação do Campo aqui para dentro da Unicentro, quem trouxe foi a Marlene. Particularmente, confesso que foi a primeira vez tinha ouvido falar em licenciatura em Educação do campo não conhecia essa temática, não conhecia essa questão e tomei conhecimento numa reunião do conselho em que o embate era mais o menos já estabelecido, entre os conselheiros e a professora Marlene defendo a ideia e todo mundo meio sem compreender, numa resistência a aprovação. Era a primeira vez que estava ouvindo falar da questão, então propus alguns encaminhamentos no sentido de que nós pudéssemos conhecer primeiro melhor a proposta, antes de decidir, porque naquele momento as coisas estavam encaminhando para uma decisão que poderia não ser favorável. Então propus que retirássemos o processo de pauta, para que pudéssemos conhecer melhor, pudéssemos aprender melhor sobre a proposta.*

Enfim, depois a professora Marlene também foi se municiando melhor de informações, inclusive para fazer frente as discussões dos conselhos. E nós tivemos algumas conversas em que ela me explicou bem a proposta, e a partir dali eu passei a defendê-la por acreditar efetivamente na proposta. Enquanto não conhecia, não defendi, mas também não me contrapus a ideia. Depois do momento que passei a conhecer, passei a defender a ideia. Ela é uma proposta de formação diferenciada, é inovadora no sentido e que ela traz questões pertinentes a formação de um profissional para o trabalho mais específico com a

Educação do Campo. Então gostei muito da proposta, me identifiquei muito com a ideia, e ai passei a defender. Então foi nesse sentido que tanto internamente, nos conselhos tratando da questão, como depois no âmbito das secretarias de estado aqui, e nas brigas com o MEC, com a SECAB com o FNDE, com todos os envolvidos no financiamento do curso, estive o tempo todo acompanhando. Até antes da primeira etapa estávamos muito preocupados com a questão da estrutura de funcionamento, com a questão do financiamento. Chegamos a ir à Laranjeiras tentar discutir especificamente algumas formas. Haviam riscos, tínhamos medo de que o recurso viesse tardiamente. Era pouco tempo para fazer licitação, e nos tínhamos medo de que ninguém participasse do processo licitatório. Se ninguém participasse do processo o curso não aconteceria, porque o convênio encerraria e o recurso teria que ser devolvido. Quer dizer, uma série de questões que passamos a tratar na fase, mas a gente foi lá para discutir, viabilizar aquela primeira etapa, convencer o padre a arrumar uma sala... lá aquela coisa toda. Desde o começo eu me sinto ligado a esse curso, e fiquei muito feliz com uma homenagem que recebi de vocês antes de nos conhecermos, e tenho guardado em casa (vocês mandaram uma foto com um texto). Enfim, a grande satisfação de estarmos em posições como essas, de vice-reitor e agora como reitor, a grande satisfação é você comprar uma ideia acreditar na ideia, defender a ideia e vê-la se concretizando. Então, acho que é grande realização, e as dores de cabeça, tudo que a gente está ai para resolver, são compensadas com a satisfação de você ver uma coisa pronta.

Mas enfim, é só essa fala inicial, para dizer que não é preciso agradecer, porque a função de vice-reitor, e era minha função, é se ocupar de todos os projetos da universidade, e particularmente com este projeto tenho grande vontade de que ele dê muito certo, continue dando certo, e que nós possamos levar a diante essa experiência.

"Era pouco tempo para fazer licitação, e nos tínhamos medo de que ninguém participasse do processo licitatório. Se ninguém participasse do processo o curso não aconteceria"

Entrevista

LEDOC em Ação: Já de início, essa fala contemplou alguns dos questionamentos que levantamos. Mas uma questão bem latente é: Qual a importância do curso LEDOC para a universidade? Sabendo que para os povos do campo, isso significa levar em consideração sua realidade, e transformar no processo de ensino, juntamente com o conhecimento historicamente produzido, mas como se dá essa importância para a Univerdade?

***Aldo**: Aldo: Eu acho que talvez, particularmente, para a Unicentro, foi trazer novas concepções, novas discussões para o âmbito da universidade; quebrar um pouco o paradigma da formação tradicional dos cursos de graduação da universidade, trazer um modelo diferente de formação em nível de graduação, ainda pouco conhecido mesmo dentro da universidade. Então eu diria assim: o primeiro elemento dessa importância é que esse curso está representando um momento de aprendizagem da própria universidade, em relação as diferentes possibilidades de formação superior. Segundo (não em ordem de prioridade, só pra dividir entre um e outro), eu penso que essa maior aproximação com os movimentos sociais. A nossa universidade tem uma inserção aqui ou acolá em determinado movimentos sociais, tem inserção com o movimentos dos faxinalenses, tem inserção com o movimento dos Sem-terra num determinado momento, oriundo de pesquisas de um professor ou de outro, que geram uma maior aproximação, depois um distanciamento, com pequenos produtores rurais... uma serie de formas de organização dos movimentos sociais. E a LEDOC nos trouxe essa possibilidade de uma aproximação maior ainda, de trazer para dentro da universidade mais questões e mais demandas dos movimentos sociais. E ao mesmo tempo fazer com que as ações da universidade pudessem ter esse foco. Quer dizer, nós tivemos já essa preocupação na gestão do prof. Zanetti como reitor, e eu como vice-reitor, e que mantemos agora, de ter pessoas em determinados postos de atuação da universidade (como por exemplo na pró-reitoria de extensão, que é uma pró-reitoria que se ocupa das atividades da universidade mais voltadas para a comunidade) ter pessoas que tivessem essa vivência dos movimentos sociais. Então, aprendemos muito com o prof. Jorge, na pró-reitoria, que é dos movimentos sociais ligados à área do campo. Aprendemos agora, com a Marquiana, que têm essa lida já antiga com os movimentos sociais. E a Educação do Campo veio enriquecer essa experiência. A importância pra universidade é isso, um momento de aprendizagem institucional.*

"esse curso está representando um momento de aprendizagem da própria universidade"

LEDOC em Ação: Nós temos uma grande dificuldade em fazer o contato com a própria comunidade universitária, levando em conta que nosso curso é em regime de alternância, e que isso dificulta a integração com a universidade, quais as alternativas pra que essa integração de fato ocorra?

***Aldo**: Olha, ai você me pegou de surpresa, eu não tinha parado pra pensar essa questão. Eu penso que uma alternativa é essa que está acontecendo agora. Quer dizer, a realização de uma etapa aqui no ambiente próximo a sede da universidade, em que vocês estão, de alguma forma, interagindo com os espaços da instituição. Ao mesmo tempo estão se beneficiando da estrutura da universidade (transporte, atendimento,...) e acho que isso, de alguma forma, possibilita, e é uma das formas de integração.*

Agora, acredito que nós podemos, juntos, pensar em outras formas, outras maneiras. Talvez sejam a realização de alguns eventos de forma articulada com os cursos de regime "normal" (chamemos assim), no paradigma normal do funcionamento dos cursos. Pensar algum evento, alguma coisa que nós pudéssemos fazer maior integração. A universidade teria grande disposição em apoiar uma ação, e já fica aos professores aqui presentes essa ideia de pensarmos em desenvolver, junto aos cursos da área de licenciatura, ou parte deles, num evento que a Educação do Campo estivesse em foco, ou em que a temática de Educação do Campo estivesse em foco, e que nós pudéssemos também, trazer os alunos da LEDOC pra esse momento aqui.

Enfim, é uma ideia que me ocorreu agora. E como disse, vocês me pegaram de surpresa com essa

formação de vocês também propiciasse a maior interação possível com o ambiente e a vida universitária, a vida cotidiana aqui na universidade. A ideia de evento é uma possibilidade, e talvez outras possibilidades possamos pensar juntos.

Aqui, o reitor nos questiona, e esclarecemos o que é "NB", e juntamente como se dá a auto-organização do curso, e com base nisso ele afirma:

***Aldo**: Fazendo um paralelo, eu acho que essa forma, para além da estrutura pedagógica do curso, das aulas, para além disso, acho que essa forma de funcionamento do curso, permite também uma formação tão, ou até mais, enriquecedora do que propriamente a formação de "conteúdo", digamos assim.*

Eu tendo sido seminarista, numa congregação em que a atuação era muito sintonizada. Um grupo de padres dentro da congregação eram muitos sintonizados, com a ideia do documento de Puebla, a "opção preferencial pelos pobres". Eu de alguma forma participei de movimentos em que as organizações se davam assim, e nós crescemos muito dessa forma.

LEDOC em Ação: Como a universidade, ou qual a metodologia utilizada pela universidade, na formação da consciência crítica do sujeito?

***Aldo**: Eu sou franco em dizer que, do meu ponto de vista, não há uma metodologia que se possa dizer que é metodologia da universidade. Não penso que possamos afirmar que a Unicentro tenha uma metodologia de trabalho pra formação da consciência crítica. Não acredito que tenhamos isso. Nunca nos propusemos a discutir isso, e isso é algo que a todo o momento está presente, na composição dos projetos políticos pedagógicos dos cursos. Isso está sempre presente como um dos pressupostos, como um dos objetivos, como uma preocupação constante de que tenha formação crítica. Mas a execução disso fica muito restrita, digamos assim, à atuação de cada docente.*

acho que essa forma de funcionamento do curso, permite também uma formação tão, ou até mais, enriquecedora do que propriamente a formação de "conteúdo"

Então, é nesse sentido porque digo que não há uma metodologia institucional. Eu diria, por áquilo que aparece nos PPP, há uma preocupação institucional. A universidade é uma instituição preocupada, com a formação de "sujeitos" (embora esse seja um conceito problemático), mas com a formação de pessoas capacitadas ao exercício pleno da cidadania.

E enfim, isso aparece, inclusive estava lembrando agora que estamos vivendo o período das formaturas, isso aparece nos juramentos das licenciaturas. Os juramentos foram discutidos numa reunião do conselho universitário. Nós ficamos um dia inteiro, e aquilo pra mim parecia algo vazio de sentido. Falei "não faz sentido nós perdemos um dia de trabalho do conselho universitário para discutir texto de juramento de formatura", ficamos praticamente um dia inteiro batendo boca com aquilo. E hoje, me dá gosto ouvir o juramento das licenciaturas, por exemplo. Que é o momento que o aluno está se formando, e assumindo compromisso com uma série de coisas, dentre elas a formação do cidadão crítico, sujeito preparado para o exercício pleno da cidadania, transformação da sociedade.

Quer dizer, isso evidencia que há uma preocupação institucional nisso. Agora, enquanto metodologia, eu diria, isso fica muito mais na atuação de cada docente. Talvez devamos, de fato, pensar isso mais coletivamente. Mas por enquanto, se eu estiver errado os professores me corrijam, a impressão que eu tenho enquanto gestor institucional é que, embora apresente nos discursos enquanto preocupação institucional, não há uma estratégia institucional de enfrentamento dessa questão. Há sim, um pedido, uma ideia subliminar de que cada professor se preocupe com essa formação.

Cada ano, cada colegiado de cada curso, cada área de conhecimento, analisa ano a ano os planos da disciplina, quais são as propostas de trabalho. Então, nesse sentido, essas estratégias, essas metodologias são ponderadas no âmbito de cada curso. Mas a formação em si depende muito da postura dos docentes, e o trabalho de cada docente.

Opinião

Nossa turma está passando por uma nova fase no curso. Viemos para Guarapuava, e essa vinda além de nos permitir o acesso aos espaços dentro da universidade, aparentemente modificou a dinâmica de relações dentro do grupo. E como registro dessa fase, propomos na CNBT, que os coordenadores levassem para seus NBs duas questões:
Quais foram os pontos positivos e negativos da vinda da turma para Guarapuava?
Com o NB avalia a inserção da turma na Universidade?

NB RENASCER

Integrantes: Sonia, Denise, Simone, Altair, Micheli, Jocemara, Adilson.

A vinda para Guarapuava fortaleceu a união da turma e significou um primeiro passo para a inserção na Universidade, onde conhecemos os campus, utilizamos alguns espaços e nos sentimos parte. Porém temos barreiras a superar, ainda há pouco reconhecimento como acadêmicos , por parte de setores da Universidade, na biblioteca por exemplo, se recusaram a nos emprestar livros. Os espaços utilizados foram poucos, quanto aos laboratórios não tivemos acesso, apenas conhecemos como que se fossemos turistas. Para as próximas etapas o conveniente seria utilizarmos com mais frequência os laboratórios e espaços em geral, pois é de extrema importância para nossa formação, além de termos direito enquanto acadêmicos.

NB Sementes do Amanhã

Integrantes: Etison, Érica, Andreia, Marlei, Débora, Aline

Pontos positivos: amadurecimento do grupo (se deu devido cada qual ser responsável por seus atos); conforto na hospedaria.

Pontos negativos: mudanças de local (deslocamento para outro espaço); deslocamento para a universidade; pouco vínculo com a universidade; transtornos com transporte para universidade.

NB Campo e Movimento

Integrantes: Charles, Adecir, Simoni, Sirlei, Ana Paula, Zélia

Pontos positivos da vinda para Guarapuava: espaço adequado; noite sem aulas (estudo dirigido durante às noites); acesso à universidade.

Ponto negativos da vinda para Guarapuava: mudança de local com frequência; falta de equipamentos.

NB Semeadores da Educação do Campo

Integrantes: Lourival, Ana Claudia, Micheli F. Silvana, Elizabeti, Elida.

Pontos posivitos: acesso à universidade; alimentação; melhorou a convivência; amadurecimento da turma.

Pontos negativos: distância.

O NB avalia que a inserção da turma na Universidade não alcançou os objetivos esperados. As aulas ministradas no espaço da Universidade não superaram nossas expectativas, e percebemos que as aulas ministradas lá poderiam ser ministradas em qualquer outro espaço.

NB Filhos da Terra

Integrantes: Ademir, Adriana, Izaías, Pricila, Renam, Sandra, Naiara

Foi muito bom, pois com a vinda da turma tivemos a oportunidade de conhecer e frequantar os espaços da Universidade. Sem contar no espaço fornecido pela Rureco, que facilitou a nossa convivência enquanto turma. Em contra partida, o ponto negativo é o acesso ao comércio.

Foi positivo, pois com a nossa presença nos espaços da Universidade, querendo ou não, chamamos a atenção do pessoal da Unicentro despertando assim a curiosidade deles em saber quem somos; que curso fazemos e o que é a Licenciatura em Educação do Campo.

A Educação do Campo está em Movimento

A escolha do nome e do símbolo da turma

No dia 9 de fevereiro de 2012 todos os Núcleos de Base, juntamente com os coordenadores, se reuniram em assembleia extraordinária para um momento histórico da Licenciatura em Educação do Campo: a escolha do nome e símbolo da turma, um processo democrático, de discussão coletiva desde o início do curso, que representou também o crescimento e o amadurecimento da turma em relação a esta questão. Na assembleia, foi consenso da maioria dos educandos, o nome CAMPO EM MOVIMENTO e um símbolo, ambos representam a identidade coletiva da turma.

O nome CAMPO EM MOVIMENTO, representa o Movimento da luta pela educação do campo; o movimento dialético da realidade, movimento da história, movimento de luta pela terra, movimento religioso, a luta dos movimentos sociais do campo ,, enfim, a movimentação do povo camponês pela construção de uma nova sociedade, por um projeto de campo e um modelo de produção que valorizem a vida e o respeito a terra e a natureza.

Os símbolos

O livro: simboliza o conhecimento científico historicamente produzido pela humanidade, nele estão presentes alguns elementos que simbolizam as áreas do conhecimento de Linguagens e Códigos e das Ciências da Natureza e Matemática.

Girassol: simboliza a educação do campo e por isso ganha destaque central, pois a educação do campo é um projeto educacional compreendido a partir dos sujeitos que tem o campo como espaço de vida tendo o direito de serem educados onde vivem e o acesso a uma educação pensada desde sua realidade e da sua cultura, sem perder de vista o acesso ao conhecimento científico, e essa é a nossa bandeira de luta.

As pessoas em marcha e o caminho trilhado: simboliza à organização enquanto classe trabalhadora, a luta dos movimentos sociais, que vai para além da educação, buscando a transformação social, a construção de uma nova sociedade mais justa e igualitária, simbolizada pelo sol do socialismo, que é o horizonte que nos guia.

O lápis e a enxada: a enxada simboliza um dos instrumentos de trabalho do povo camponês assim como o lápis, representando a união entre os processos de trabalho e a educação, pois não podem estar dissociados.

A escola: simboliza o direito no acesso a escola de qualidade no/do campo.

A LEDOC Apóia:

O MST lançou a Campanha Nacional contra o Fechamento de Escolas do Campo, que pretende fazer o debate sobre a educação do campo com o conjunto da sociedade, articular diversos setores contra esses retrocessos e denunciar a continuidade dessa política.

De acordo com o Censo Escolar do Inep (Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira), do Ministério da Educação, existiam 107.432 escolas em 2002. Em 2009, o número de estabelecimentos de ensino reduziu para 83.036, significando o fechamento 24.396 estabelecimentos de ensino, sendo 22.179 escolas municipais.

O primeiro grande objetivo é fazermos um amplo debate com a sociedade, tendo em vista a educação como um direito elementar, consolidado, na perspectiva de que todos possam ter acesso. O que precisamos fazer é justamente frear esse movimento que tem acontecido, do fechamento das escolas do campo, sobretudo no âmbito dos municípios e dos estados.

Pensar isso significa garantir esse direito tão consolidado no imaginário social, como uma conquista social à educação, garantir que as crianças e os jovens possam se apropriar do conhecimento historicamente acumulado pela humanidade, que esse conhecimento esteja vinculado com sua prática social e que, sobretudo, esse conhecimento seja um mecanismo de transformação da vida, de transformação para que ela seja cada vez mais plena, cada vez mais solidária e humana.

Colado a isso, temos que fazer esse debate da educação como um direito básico, e que nós não podemos - do ponto de vista da sociedade - dar passos para trás nesse sentido, ao negar esse direito historicamente consolidado.

A educação do campo nasce como uma crítica a situação da educação brasileira no campo. E essa situação na época revelava justamente o fechamento das escolas no campo e o deslocamento das crianças, de jovens e de adultos do campo para a cidade.

AGROTÓXICO MATA
CAMPANHA PERMANENTE CONTRA OS AGROTÓXICOS E PELA VIDA

Campanha Permanente Contra os Agrotóxicos e Pela Vida

A Campanha Contra os Agrotóxicos e Pela Vida tem o objetivo de sensibilizar a população brasileira para os riscos que os agrotóxicos representam, e a partir daí tomar medidas para frear seu uso no Brasil. Luta por um outro modelo de desenvolvimento agrário. Por uma agricultura que valoriza a agroecologia ao invés dos agrotóxicos e transgênicos, que acredita no campesinato e não no agronegócio, que considera a vida mais importante do que o lucro das empresas. É um esforço coletivo, assumido por um conjunto de organizações e pessoas, que visa combater a utilização de agrotóxicos e a ação de suas empresas (produtoras e comercializadoras), explicitando as contradições geradas pelo modelo de produção imposto pelo agronegócio

As principais exigências da Campanha:

• Exigir que o MDA e Banco Central determinem a que seja proibido a utilização dos Créditos oriundos do Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar – PRONAF para a aquisição de agrotóxicos, incentivando a aquisição/utilização de insumos orgânicos e a produção de alimentos saudáveis;

• Exigir da Agência Nacional de Vigilância Sanitária – ANVISA – a reavaliação periódica de todos os agrotóxicos autorizados no país, além de aprofundar o processo de avaliação e fiscalização à contaminação de água para consumo público;

• Que os governos estaduais e assembleias legislativas proibam a pulverização aérea (feita pela aviação agrícola) de agrotóxicos em seus estados;

• Que o Ministério da Saúde organize um novo padrão de registro, notificação e monitoramento no âmbito do Sistema Único de Saúde dos casos de contaminações, seja no manuseio de agrotóxico, seja na contaminaçãopor água, meio ambiente ou alimentos, orientando a todos profissionais de saúde para esses procedimentos;

• Que haja fiscalização para que se cumpra o código do consumidor e todos os produtos alimentícios tragam no rótulo se foi usado agrotóxico na produção, dando opção ao consumidor de optar por produtos saudáveis;

• Aumentar a fiscalização das condições de trabalho dos trabalhadores expostos aos agrotóxicos, desde a fabricação na indústria química até a utilização na lavoura e o manuseio no transporte;

• Exigir que o Ministério Público Estadual e Federal, e organismos de fiscalização do meio ambiente, fiscalizem com maior rigor o uso de agrotóxicos e as contaminações decorrentes no meio ambiente, no lençol freático e nos cursos d'água.

Todos por Pinheirinho

No dia 22 de janeiro iniciou-se a "mal-chamada" operação de reintegração de posse da área conhecida como "Pinheirinho". O terreno integra a massa falida da empresa Selecta, de posse do especulador Naji Nahas, que até então reivindica a posse do latifúndio. Preso em julho de 2008 pela Polícia Federal durante a operação denominada Satiagraha, por crime contra a ordem financeira, evasão de divisas, sonegação fiscal, etc... Só de IPTU são mais de R$ 15 milhões em dívidas daquele terreno.

Nahas quebrou a Bolsa do Rio deixando um rastro de dívidas que deveria alcançar seus bens. A Justiça do Rio de Janeiro condenou o especulador e tipificou o crime como falência fraudulenta. Nahas recorreu ao Superior Tribunal de Justiça (STJ) e o processo ficou "dormindo" até prescrever, livrando-o da condenação. Um primeiro sinal da falência da nossa Justiça.

A ação demonstra como o governo Alckmin tem tratado casos de cunho social do mesmo modo que trata casos policiais (USP, Cracolândia e Pinheirinho), isso no seu primeiro ano de mandato.

É possível perceber também o posicionamento político das grandes corporações midiáticas ao vermos como tratam do tema, quando o fazem. Nos telejornais, as imagens transmitidas enfatizam atos de vandalismo. Segundo algumas informações, apenas a Globo consegue alguns privilégios de acesso às áreas censuradas – por ser considerada "confiável" pela PM. Tal censura ocorre, segundo a polícia, para "impedir a comoção e levantes da população que poderiam ocorrer devido à presença de jornalistas", o que é um absurdo, considerando que não é um ato de guerra, e o papel da imprensa auxiliaria a dirimir as dúvidas sobre se ocorrem ações abusivas por parte da polícia. E é no mínimo estranho a passividade com que os órgãos de imprensa – os mesmos que vivem falando em "censura" – aceitam que seus repórteres sejam guiados pela PM.

E consideremos que as notícias internacionais sobre o caso não são as mesmas. Um trecho de um artigo no jornal inglês "The Guardian"[1], noticiou denúncias de mortes nessa operação. E devido a tais acusações, iniciou-se na relatoria da ONU, proposta pela relatora para o Direito à Moradia, Raquel Rolnik, um pedido de explicações às autoridades sobre possíveis violações de direitos humanos na operação.

Isso talvez ocorra porque há aqui uma confusão entre "propriedade" e "direito de propriedade". O primeiro é um conceito filosófico e político, ilimitado 'a priori' como qualquer conceito ideal; o segundo é limitado, seja explicitamente por limites inerentes a ele positivamente, ou como denominado na Constituição, por sua função social, ou ainda por outros direitos que por ele entrariam em colisão ou tensão. No caso Pinheirinho, há uma sobreposição do "direito de propriedade" aos direitos fundamentais do homem, os Direitos Humanos.

Esse ato de "estrupo social" - como denominado pelo líder da comunidade, Valdir Martins -, é segundo o defensor público Jairo Salvador, ilegal[1].

Talvez seja possível concluir com isso, que o Estado, ao usar seu aparato repressor, político e jurídico em defesa da propriedade privada, e, principalmente, contra uma organização coletiva que era a comunidade do Pinheirinho (que estava abandonada deliberadamente pelo poder público, sem acesso à educação, segurança, saúde, e agora, justiça), um indício dos limites da democracia burguesa, que segundo Marx e Engels, em "A ideologia Alemã": "(...) Os burgueses não permitem ao Estado que este se imiscua em seus interesses privados e apenas lhes conferem o poder necessário para sua própria segurança e para salvaguarda(...)".

(1) conteúdo disponível em campoemmovimento.blogspot.com

MANIFESTO DE APOIO ÀS VÍTIMAS DA OPRESSÃO (PINHEIRINHO-SP)

"De pé, oh vítimas da fome, de pé famélicos da terra. Da ideia a chama já consome a crosta bruta que a soterra, cortai o mal bem pelo fundo de pé, de pé não mais senhores se nada somos em tal mundo sejamos todos oh produtores"... (A internacional Socialista).

Vimos por meio deste, demonstrar nossa indignação e solidariedade aos companheiros vitimados pela ignorância social e violência política que está acontecendo nesse momento em nosso país. Repudiamos a ação da polícia a mando do Estado, realizada no dia 22 de janeiro de 2012, na comunidade do Pinheirinho, município de São José dos Campos, São Paulo. Repudiamos também, toda forma de repressão e violência cometida contra as vítimas da injustiça social. O que está acontecendo na Comunidade do Pinheirinho não é algo casual, inesperado ou acidental de um confronto entre trabalhadores e policiais. Isso é reflexo do sistema econômico vigente, pois a sua lógica perversa privilegia poucos, inclusive corruptos, como é o caso da propriedade em questão do senhor Naji Nahas que há tempos está envolvido em esquemas de fraudes milionárias e causa diversos prejuízos econômicos e sociais ao país, e que por outro lado, exclui milhares de trabalhadores dos direitos a terra, moradia, alimentação, saúde, educação e a cidadania.

Como se isso não bastasse, o Estado ainda utiliza "os caçadores de gente", que orgulhosos em cumprir a sua vil função de aparelho repressivo, para massacrar crianças, mulheres grávidas, idosos, pais e mães de famílias, trabalhadores e trabalhadoras, tudo em nome da "ordem social". Lembrando que essa forma (violência/repressão) de resolver os problemas sociais é típico e faz parte do plano de governo e seu grupo político, pois já tivemos exemplos sangrentos no Paraná quando esses vampiros estavam no poder. Diante disso, propomos intervenção imediata da Justiça Federal suspendendo o processo de reintegração de posse da área, e o retorno das famílias às suas residências, bem como, a regularização dos terrenos em nome dasfamílias e investimentos urgentes em infraestrutura e serviços sociais. Juntamos a isso, uma moção de repúdio à ação nazista do governo de São Paulo, em nome do governador Geraldo Alckmin. Que o povo brasileiro jamais se esqueça deste ato de barbárie cometido no Pinheirinho. Nesse sentido, nós do curso de Licenciatura em Educação do Campo – UNICENTRO, atualmente cursando a 4ª etapa na cidade de Guarapuava-PR, demonstramos o nosso apoio na forma desse manifesto.

"Se você é capaz de sentir indignação contra qualquer injustiça cometida contra qualquer pessoa em qualquer parte do mundo, então, somos companheiros" (Che).

O MST E O PSS 2012

CONQUISTAS E TENSIONAMENTOS

A reivindicação por um edital específico para a contratação de educadores para atuar nas escolas do campo, de assentamentos e acampamentos, é uma luta dos Movimentos Sociais do campo, principalmente do MST, bem como da Articulação Paranaense Por uma Educação do Campo, decorrente de anos de tencionamento junto à SEED (Secretaria de Estado da Educação do Paraná).

O que despertou o MST a adentrar com mais afinco a essa luta é a necessidade de efetivar um quadro de educadores tendo uma formação específica voltada para o trabalho nas escolas do campo, nos assentamentos e acampamentos da reforma agrária no Paraná. Inicialmente, a vinculação de professores por meio do P.S.S. nas escolas itinerantes influenciou este processo de luta justamente pela necessidade de ter profissionais qualificados que conhecessem e respeitassem a realidade das escolas e do meio onde estão inseridas.

Foram muitos anos de discussões com a SEED e apenas no período final do governo Requião, foi criado o Artigo 18 dentro da resolução de distribuição de aulas PSS 5590/2010. Com forme este artigo:

> [...] Art.18 A distribuição de aulas nas Escolas do Campo, da Rede Estadual, será de responsabilidade do Núcleo Regional de Educação, no qual está localizado o estabelecimento de ensino e obedecerá aos critérios estabelecidos nesta Resolução, priorizando, a seguinte ordem:
>
> a) professores que atuaram nas Escolas do Campo da Rede Estadual nos anos de 2007 a 2010.
>
> b) professores que participaram da Formação Continuada em Educação do Campo e/ou Simpósio Estadual da Educação do Campo, no período de 2004 a 2010, promovidos pela SEED/DEDI/CEC e IES;
>
> c) professores licenciados em Educação do Campo;
>
> d) professores especialistas em Educação do Campo.
>
> § 1.º Nas Escolas Itinerantes, vinculadas às Escolas Bases, sendo estas Escolas do Campo, terão prioridade na seguinte ordem:
>
> a) professores que já atuaram nessas escolas nos anos de 2007 a 2010;
>
> b) professores que residem nos acampamentos da Reforma Agrária;
>
> c) professores que participaram da Formação Continuada em Educação do Campo e/ou Escolas Itinerantes nos anos de 2007 a 2010;
>
> d) professores licenciados em Educação do Campo;
>
> e) professores especialistas em Educação do Campo
>
> [...] (SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO-SEED.RESOLUÇÃO N.º 5590/2010.)

Neste mesmo período foi criada também a Instrução 027/2010 – SUED/SEED, referente a formação por área do conhecimento, como requisito para a distribuição de aulas nas Escolas do Campo.

A criação desses documentos não garantiu a implementação dessas reivindicações na prática, e com a transição do governo Requião para o governo Richa, após as eleições, não foram levadas em consideração inicialmente pelo atual governo, pois não deram sustentação para a distribuição de aulas em 2011.

Neste contexto, no início de 2011, o MST retomou as discussões com a SEED, tendo em vista o reconhecimento da Instrução 027 e do Artigo 18, para garantir as demandas específicas da Educação do Campo . Esta discussão tomou corpo também dentro da Articulação Paranaense Por Uma Educação do Campo e da REARA (Rede de Escolas das Áreas de Reforma Agrária) que elaboraram um documento sinalizando a forma na qual deveria se proceder a distribuição de aulas para as escolas de assentamentos a princípio, com o diagnóstico da realidade dos 20 colégios de Assentamento do Paraná e das Escolas do Campo, vinculados a Rede Estadual de Educação, apresentando as problemáticas que limitam a implementação da proposta de Educação do Campo dos Movimentos Sociais, dentre as quais se destacando a rotatividade de educadores. Este documento aponta propostas no sentido de provocar melhorias nas Escolas do Campo, propondo políticas necessárias para qualificar estas escolas.

Dentre os critérios sugeridos para inscrição e seleção de educadores para atuar nas Escolas do Campo, destacamos:

- Graduação na disciplina/área (inserir a Pedagogia e a Licenciatura em Educação do Campo como titulação a ser considerada)

- Cursos de qualificação voltados para a Educação do Campo

- Carta de indicação do Conselho Escolar/ APMF com a ratificação do Coordenador de Educação do Campo do NRE.

Para a pontuação:

- Graduação – Licenciatura Plena na área/Pedagogia do Campo (60 pontos)

- Pós-graduação na área (10 pontos)

- Cursos de Formação em Educação do Campo (05 pontos)

- Carta de indicação do Conselho Escola/APMF ratificada pelo Coordenador de Educação do Campo do NRE (10 pontos)

(REARA. PROPOSTAS PARA LOTAÇÃO DE PROFESSORES NAS ESCOLAS DE ASSENTAMENTOS DO PARANÁ. 2011)

Diante da luta e das reivindicações do MST, da Articulação Paranaense Por Uma Educação do Campo e da REARA, neste ano de 2012 se ampliou o PSS para as Escolas do Campo como um todo, com um Edital Específico para a lotação e seleção de educadores. Esta foi uma conquista que resultou de um longo processo de discussões e negociações desses movimentos junto à SEED e ao Governo do Estado. Entretanto, muitas propostas não foram contempladas.

Podemos tomar como exemplo a aprovação deste edital para a Educação do Campo, como uma conquista da classe trabalhadora que é resultado de um processo árduo de luta e articulação dos movimentos sociais, mas que nos mostra que ainda temos um caminho de luta pela frente para garantir, de fato, a implementação das propostas da Educação do Campo.

Eventos

No dia **14/02**, foi realizado o **chá de bebê** para os mais recentes componentes de nossa grupo: **Miguel e Pablo**

Na quarta-feira, **dia 29/02**, foi realizada a **IV NOITE CULTURAL** da LEDOC, e o tema é "*Resgate da Cultura Camponesa*", evento muito aguardado por quase todos.

Editorial

As publicações da LEDOC estão sendo ampliadas para além do jornal "LEDOC em Ação". Com a ideia de criar um canal comunicativo/participativo, não apenas entre a turma, e que funcione como agregador do conteúdo na internet (videos, notícias, filmes,...) e como filtro para que este conteúdo seja relevante ante aos interesses da turma, criamos um Blog, que leva o nome da turma, será administrado a cada etapa, pelo NB responsável pelo jornal.

Acesse:

http://campoemmovimento.blogspot.com/

O **NB Olga Benário** é responsável pela organização, redação e diagramação desta edição do jornal e *é composto por:*

Eduardo, Eliane, Jaqueline, Marines, Mirian e Thaile